

humanitas

Vol. VII–VIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. IV E V DA NOVA SÉRIE
(VOLS. VII E VIII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLV-VI

EM TORNO DE UMA NOVA ANTOLOGIA DO LIRISMO GREGO

A despeito dos elementos pragmáticos e gnômicos, dos reflexos convencionais da tradição, das quebraturas prosaicas ou dos ressaltos menos felizes da erudição e do mau gosto — o lirismo grego representa deveras, na exilidade aparente de grande parte dos seus textos, um impressionante documento de humanidade e de poesia ¹. A ruptura dos futuristas, a renovação da métrica e da linguagem poética, as novas doutrinas de arte, longe de afrouxarem, antes afervoraram o interesse dos modernos pela grandeza dos valores sugestivos e catárticos desse lirismo: a demonstrá-lo bastará, como exemplo, a tradução — ousada por vezes, infiel não raro, mas quase sempre rica de ágeis soluções — empreendida há anos por um grande poeta italiano: Salvatore Quasimodo ². *Entriamo anche noi dove il pianto tace* — declara Pontani no frontal das suas *Pleiadi* (p. 5), depois de haver citado o fragmento célebre de Safo em que se alude à «casa das Musas» (109 D.): e a promessa da Lesbiaca terá animado outros estudiosos do lirismo helênico. Em Itália, os últimos vinte anos têm assistido à multiplicação incessante de artigos, ensaios, discussões, polémicas sobre os líricos maiores dos séculos vu a v antes de Cristo: derramam-se caudais de tinta sobre os epodos de Estrasburgo, sobre a *Sapphofrage* e seus anexos, sobre as lutas civis em Lesbos; cresce o número de antologias,

¹ Pontani, *Letteratura greca*, 1 (Florença, 1954), p. 88; e *Pleiadi* (Roma, 1952), pp. 5-7.

² *Lirici greci tradotti da...* con un saggio di Luciano Anceschi (Milão, 1940; quatro reedições entre 1944 e 1953). Sobre o valor da tradução de Quasimodo, ver a nota de Pontani, *Pleiadi*, p. 266₁

e as suas reedições melhoradas ou reproduções anastáticas sucedem-se ano após ano. Tantos são presentemente os florilégios da lírica helénica, e alguns de mérito excelso ³, encontráveis no mercado italiano que o autor de nova colectânea — DINO PIERACCIONI, *Antologia della lirica greca* (Florença, 1956) — se sente na obrigação de «justificar, aos olhos dos amigos e dos colegas, a tarefa que empreendeu» (p. 1). Vale a pena discutir, sucintamente embora, os critérios propugnados e a aplicação concreta que deles se faz.

Haveria, em primeiro lugar, o intuito de não limitar a selecção aos líricos dos séculos vu a v antes de Cristo, «como se tem procedido as mais das vezes, à parte uma ou outra excepção de fresca data»: antes incluir também «os grandes líricos do período helenístico, pelo menos Calimaco e Teócrito, e alguns dos epigramas mais belos da *Antologia Palatina*» (ibid.). Ninguém contestará o acerto da decisão, já que — supondo bem escolhidos os textos dos poetas alexandrinos — o aluno só terá a ganhar com o prolongamento do quadro, em que se lançam novas concepções de arte e de poesia, e se retomam expressões e motivos já familiares. Mas importa dizer que igual ideia tiveram, há mais de vinte anos, Lipparini e Ugolini-Setti ⁴, ao elaborarem as suas antologias, qua ainda hoje continuam a ser reeditadas, e aprovadas em alguns estabelecimentos de ensino; não apenas Gallavotti⁵ em que Pieraccioni decerto pensou, ao falar de «uma ou outra excepção de fresca data».

Observa depois o compilador que, na maior parte das selectas,

³ Sobressaem, pela riqueza do comentário, as ' antologias de Perrotta-Gentili, *Polinnia* (Florença, 1948); Gallavotti, *Lira ellenica* (Milão, 1950); e Pontani, *Pleiadi* (Roma, 1952) — que foram precisamente as mais utilizadas pelo organizador da selecta que vamos apreciar. Embora inseguras por vezes, no texto ou na doutrina, são ainda dignas de apreço as colectâneas de Taccone, *Canti dell'Ellade antica* (Bergamo, 1948; prolongamento da velha *Antologia della melica greca*, Turim, 1904); Lavagnini, *Aglaiá* (Turim, 1947; reelaboração, feita em 1937 e melhorada dez anos depois, da *Nuova antologia della lirica greca*, Turim, 1932, que por sua vez continuava *I lirici greci*, Turim, 1923), obra por assim dizer «clássica», que muitas gerações têm consultado com proveito; Cessi, *Lyra Graeca* (8.^a ed. rev. por Maggi, Nápoles, 1948), uma das mais copiosas; Lipparini, *Ἑλληνική λυρα. Antologia della lirica greca* (Milão, s.d., mas pouco posterior a 1930); e Ugolini-Setti, *Lirici greci scelti e commentati* (Florença, 1940).

⁴ Cf. a nota precedente.

⁵ Cf. a nota 3,

os textos reproduzidos são sempre os mesmos, «a tal ponto que, mudada a ordem por que se dispõem autores e fragmentos, as várias antologias se equivalem quase todas» (ibid.). Portanto, sem excluir (seria, de facto, insensato) um certo número de «textos por assim dizer *canónicos*» — «o escudo perdido» de Arquíloco; certos fragmentos célebres de Alceu e de Safo; o encómio fúnebre dos heróis das Termopilas ou o treno de Dánae, por Simónides de Ceos — Pieraccioni enjeita o fragmento «batido e rebatido» de Calino; a exortação *Τεβνάμεναι γὰρ καλόν* de Tirteu; a *Sátira contra as Mulheres* de Semónides de Samos; as reflexões filosóficas de Xenófanes; a elegia em prol do ataque a Salamina, de Sólon, alto legislador e minguado poeta. Com algumas reservas no caso de Tirteu ⁶ e de Semónides ⁷, não temos dúvida em aplaudir o à-vontade do professor italiano: reconheçamos, no entanto, que do mesmo critério se inspiraram já, confessadamente, Perrotta-Gentili (*Polinnia*, p. v) e Pontani (*Pleiadi*, p. 7). Pieraccioni, todavia, nem sempre se conformou ao ponto de vista estético que propugna: e, assim, regista — como Perrotta, aliás (*Polinnia*, pp. 195-198) — o fragmento 42 D. de Alceu, que beleza poética a bem dizer não tem, e celebridade... apenas a que resulta, alguns anos a esta parte, da sua controvertida interpretação. O mesmo se diga, em nosso entender, do epinício iv de Baquilides, aproveitado talvez pela sua brevidade ou pela sugestão de Gallavotti (que igualmente o transcreve a pp. 211-213 da sua *Lira ellenica*). Com vantagem teria o editor substituído estes textos por alguns fragmentos de Íbico e de Teógnis, que não figuram — e mereciam figurar — na sua colectânea.

Tornemos, porém, à afirmação de Pieraccioni, segundo o qual, «alguns decénios a esta parte», os trechos reproduzidos nas antologias italianas (a estas se refere obviamente o preâmbulo) seriam, tirante a variável arrumação de autores e fragmentos, «sempre» e fatalmente os mesmos. Não nos parece que o asserto, por demais absoluto, se

⁶ A nobreza indiscutível da elegia citada justificaria porventura uma atitude menos drástica. Não assim outros fragmentos de Tirteu que nas selectas se vão repetindo... por inércia.

⁷ «Se bem que nem toda ela seja poesia, a sátira semonídea é sempre literatura estimável, que se eleva, por vezes, à categoria de obra-prima de realismo.» (Del Grande, *Storia della letteratura greca* ¹⁰, Nápoles, 1954, p. 76). No mesmo sentido, Pontani, *Letteratura greca* cit., i, pp. 103-104. Demais Semónides não escreveu apenas a *Sátira contra as Mulheres*: porque não recordar o fragmento 1 D., de tão desesperado e esqualido pessimismo?

deva subscrever. É verdade que não conhecemos todos os florilégios italianos do lirismo grego: mas compulsámos os melhores, e podemos testemunhar que, à parte a insistência num certo número de textos consagrados («canónicos», como diz Pieraccioni), os compiladores se esforçaram quase sempre por inserir fragmentos novos, embora à custa, por vezes, de outros literariamente superiores. Assim, tomemos dois dos líricos que melhor sorteados costumam, ser em todas as antologias — Arquíloco e Safo — e façamos a verificação por três selectas largamente divulgadas — as de Lavagnini, Ugolini-Setti e Perrotta-Gentili (a que juntamos, a título comparativo, a do próprio Dino Pieraccioni) ⁸:

Arquíloco

Lavagn. (reel. 1937)	Ugol.-Setti (1. ^a ed., 1940)	Perr.-Gent. (1. ^a ed., 1948)	Pier. (1956)
1	1	1	1
2	2	2	—
3	3	—	-
5a	-	5a	5a
6	6	6	6
7	7	7	7
—	—	10	10
16	—	—	—
18	18	18	18
22	22	22	22
25	25	25	25
—	30	30	—
—	—	-	53
—	—	—	54
56	56	—	-
58	—	—	—
60	60	60	60
-	-	61	-
—	64	64	—
-	66	66	—

⁸ A numeração dos fragmentos é a da edição de Diehl (=Beutler), *Anthologia Lyrica Graeca* I, Lipsia, 1954-55 (reimp.). Vão em itálico os que não foram aproveitados pelo editor precedente.

Lavagn.	Ugol.-Setti	Perr.-Gent.	Pier.
67a	67a	67a	67a
—	—	69	—
—	—	70	—
—	—	71	—
74	74	74	74
—	—	—	81
-	—	88	88
—	—	88a	—
—	—	—	95
—	—	104	—
—	—	107	—
—	—	112	—
		118	

Safo

Lavagn.	Ugol.-Setti	Perr.-Gent,	Pier.
1	1	1	1
2	2	2	2
—	-	—	3a
4	4	4	4
5-6	5-6	—	5-6
25	25	25	25
27a	27a	27a	27a
28	—	—	—
—	—	40-41	40-41
—	—	48	—
-	50	50	50
55a	—	-	-
58	58	58	58
-	61	61	61
—	—	63	-
-	—	80	80
-	—	88	—
—	—	93	-
94	94	94	-
96	96	96	96

Lavagn.	Ugol.-Setti	Perr.-Gent.	Pier.
97	–	–	–
98	98	98	98
–	98a	·98a	–
–	98a	98b	–
100	–	–	–
107	107	107	107
–	–	–	108
–	109	–	109
114	114	114	114
116	116	116	116
–	–	117	–
–	–	118	–
–	120	120	120
–	–	121	–
–	123	123	123
–	124	124	124
–	127	127	127
–	128	128	128
131	131	–	–
–	–	135-136	135-136
–	137	137	–
–	138	138	–
–	149	149	–
–	152	152	152

São visíveis, de Lavagnini para Ugolini-Setti e Perrotta-Gentili, as tentativas de «enriquecimento» ou de «variação». Que temos, afinal, em Pieraccioni, que reprovara a monotonia dos seus predecessores?

O aditamento, para Arquíloco, de quatro fragmentos, três dos quais a propósito (53, 54 e 95), mas de escassa beleza, o quarto (81) apenas gracioso e exemplificativo do interesse do poeta pelas fábulas de animais — que não justificam a omissão de outros fragmentos, bem mais importantes ou significativos, como, por exemplo, os números 2, 71, 104 e 112 D.

O aproveitamento, no caso de Safo, de dois minúsculos textos, geralmente esquecidos, o 3a e o 108 D. — o primeiro

dos quais é uma balsâmica velada, infelizmente muito lacunosa, o segundo uma afirmação de transigente serenidade —, que não compensam, todavia, o abandono de outros fragmentos delicados, entre os quais se recordam os números 49, 94, 98, 98a, 98b, 131 e 149 D.

Seis fragmentos «novos», quatro dos quais de mérito diminuto, é quanto nos oferece, para Arquíloco e para Safo, o organizador desta antologia. No caso de Álcman, de Mimnermo, de Anacreonte, de Simónides, nem um texto de acréscimo ao capital das outras colectâneas; no caso de Alceu⁹, um ao todo, o 130 L.-P., que vamos, todavia, encontrar na *Lira ellenica* de Gallavotti. E, se nos reportarmos a este florilégio, nenhum fragmento «novo» para Arquíloco; nenhum, para Baquilides; uma Olímpica — a sétima—, para o lírico de Cinoscéfalos. É pouco. Valia a pena detrair o exemplo alheio e, ao cabo, decalcá-lo... para menos?

«Duas palavras — acrescenta o professor italiano — sobre o nosso comentário: nascido para a escola, à escola pretende servir. Nem citações eruditas, nem discussões críticas prolongadas sobre este ou aquele verso, nem polémicas com este ou aquele filólogo, nem qualquer nota bibliográfica a envolver citações de livros em alemão ou em inglês, como se os nossos liceus (entram na conta os professores) fossem asilos de políglotas internacionais. Tudo coisas que não desdenhamos; muito lindas, muito justas e necessárias — indispensáveis até para os estudiosos: mas não está bem que se carreguem com elas os livros que hão-de andar nas mãos dos nossos rapazes.» (p. 2.) A muitos doerá com justiça a frecha ervada: mas a doutrina, porque dos liceus se trata, é defensável — à excepção, talvez, do parêntese negativo de competências linguísticas que se supõem triviais... Reconheçamos que a determinação foi cumprida à risca. O comentador — maravilhe-se quem pode, conforte-se quem deve! — chega a' pedir vénia para citar, na língua original, «a título de excepção» (p. 27), o belo nocturno goethiano *Über allen Gipfeln / ist Ruh...*, sugestivo para o confronto com o fragmento 58 D. de Álcman.

⁹ Do poeta lésbico omite Pieraccioni fragmentos tão sugestivos como os números 52, 63, 77, 98, 103, 106 e 135 D., na sua maior parte traduzidos por Quasimodo, *Lirici grec i cit.*, pp. 49, 56 e 61.

«Há muito estamos convencido que aos rapazes interessa, acima de tudo, a poesia e a arte de um escritor, o ambiente cultural em que vive e de que está embebido: bem pouco, pela certa, as conjecturas deste e daquele, as elucubrações de Cicrano ou Beltrano. Têm os professores, quando quiserem, outras fontes a que podem recorrer; e por si mesmos saberão distinguir, sem necessidade de constantes remissões¹⁰, aquilo que, em um trabalho como o nosso, é devido aos que nos precederam ou representa, pelo contrário, o nosso modesto contributo.» (pp. 2-3.) Vai nesta alegação derramado algum joio que, em boa consciência, não escapará ao próprio editor. Ninguém contesta que a maioria dos alunos (de Letras, bem entendido...) prefira a arte à erudição: mas nem a erudição é sempre inimiga da arte, nem os direitos da minoria se podem desprezar sem uma areia de remorso. Ora o eclectismo não fica mal para dirimir pendências deste tipo... e o comentador uma ou outra vez o adoptou (por exemplo ao incluir, «para uso exclusivo dos rapazes inteligentes, e só deles» [p. 3], uma breve nota bibliográfica). Demais, não é exacto que um professor tenha sempre à mão — especialmente em pequenas cidades de província — os recursos bastantes para suprir um comentário ressequido: e muito menos para fazer a triagem a que Pieraccioni se refere. Todos sabemos que aos comentadores, como aos dicionaristas, se concede uma liberdade... moderada de «pilhagem» no haver dos seus predecessores. Mas nenhum prejuízo haveria em confessar, algumas vezes (uma palavra bastava entre parênteses: Perrotta; Gentili; Gallavotti; ou Pontani), o débito contraído¹¹. Nenhum prejuízo — e nenhum

¹⁰ Idêntica opinião em Ugolini-Setti, *Lirici greci* cit., p. vn.

¹¹ Concedemos que, no caso dos dois primeiros autores, as referências «Perrotta», «Gentili», à força de amiudadas, podiam tornar-se incómodas para o editor e para os leitores: mas tudo se resolvia com uma declaração inicial do tipo daquela que Pieraccioni julgou necessária para a *Storia della letteratura greca* de Perrotta (p. 5). Quanto a Gallavotti e a Pontani, menos vezes utilizados, as referências tinham normal cabimento. Vale a pena citar dois casos típicos: a p. 123, Pieraccioni sugere, em nota, para remate do v. 48, truncado, do *Ditirambo a Teseu* de Baquilides, «um adjectivo concordante com ζῆφος, talvez ελεφαντόκοπον», que constitui, salvo erro, suplemento original e recente de Gallavotti, *Lira ellenica*, p. 237; a p. 103, κίβδηλον, do v. 6 do fragmento 54 D. de Anacreonte, é definido por estes termos: «si dice del metallo di cattiva lega 'fasullo' e, se non fosse parola di gergo, andrebbe bene intendere: «menando una vita fasulla» — que procedem claramente da glosa de Pontani ao mesmo passo (*Pleiadi*, p. 212): «κίβδηλος è quello che nell'italiano di gergo si dice oggi 'fasullo', ed è per lo più riferito a metalli.»

desdouro. O comentário de Pieraccioni deve muito ao de Perrotta-Gentili, mas nem por isso se pode considerar servil: o organizador da nova antologia discorda de várias lições adoptadas em *Polinnia*, e afasta-se, por vezes, das interpretações expendidas naquela obra. Assim convinha à sua independência ou ao progresso constante dos estudos relativos a alguns poetas (nomeadamente a Alceu e a Safo). A crítica é que nem sempre, falando verdade, poderá festejar o apartamento ²¹.

¹² Assim:

p. 11 : [Arquíloco, 6 D., 3] Na fé de Sexto Empírico (*Pyrrhon. Hypot.*, 3, 216) e de Olimpíodoro (*In Plat. Gorg.* 283aN), Pieraccioni adopta a lição *αυτόν δ' ἐξεσάωσα* de preferência a *ψυχὴν δ' ἐξεσάωσα*, que considera modificação aristofânica (*Paz*, 1301) de intuito parodístico. Observe-se, no entanto, que semelhante alteração não está, para o caso, suficientemente provada; que nenhuma dificuldade existe para o sentido de *ψυχὴν* 'vida' em Arquíloco; e que o texto de Olimpíodoro imediatamente anterior à citação sugere também *ψυχὴν*.

— Na dúvida, continuamos a preferir (com Weber, Fraccaroli, Lavagnini, Cessi, De Falco, Perrotta, Pontani, e contra Bergk, Diehl, Edmonds, Taccone, Gallavotti, Colonna e Pieraccioni) a lição mais expressiva *ψυχὴν δ' ἐξεσάωσα*. Muito recentemente, porém, Gigante defendeu, com bons argumentos (*Il testo del fr. 6, 3 d' Archiloco* in «La parola del passato», Nápoles, 1956, pp. 196-200), uma lição vizinha da adoptada por Pieraccioni: *αυτός μ' ἐξεσάωσα*.

p. 12: [Arquíloco, 7 D., 5] Melhor que o *πνεύμονας* tradicional é certamente a correcção *πλέμονας*, forma de maior antiguidade e anterior à intervenção da etimologia popular (relação indevida com *πνεύμα*). Cf. Perrotta, *Polinnia*, p. 10.

p. 29: [Álcman, 94 D., 1] «*ἀμερόφωνοι* 'daU' amabile voce' è correzione di *ἱερόφωνοι* [sic, por *ἱερόφωνοι*] che è nei codici, ma non può stare per il dialetto; altri legge *ἱαρόφωνοι* 'dalla sacra voce' (forse perché parte di un coro sacro?).» A correcção *ἱαρόφωνοι*, de Perrotta, é paleográfica e conceitualmente preferível ao *ἱμερό φωνοι* de Barker, aceite por Diehl e reproduzido por Dino Pieraccioni: a prova é que Garzya não hesitou em adoptá-la na sua magnífica edição dos fragmentos de Álcman (*I frammenti*, Nápoles, 1954, p. 145). Quanto à interpretação: (donzelas) 'de voz sagrada' porque faziam parte de um coro sagrado — e porque entoavam hinos religiosos (Pontani, *Pleiadi*, p. 67).

Pelo contrário, a p. 28 [Álcman, 58 D., 1 e 6], Pieraccioni corrige, na esteira de Wilamowitz e Perrotta, a lição *εὔδοσι* dos códices para *εὔδοντι*, que seria, de facto a genuína forma dórica: «mas — observa Garzya (*I frammenti* cit., p. 127) — é tal

Em coerência com o seu propósito de evitar conjecturas e discussões críticas sobre este ou aquele verso ou sobre esta ou aquela variante, Pieraccioni optou razoavelmente pelo critério de «assinalar lacunas e claros em vez de os preencher, como tantas vezes se faz, com uma bela e fácil reconstrução, que por fim nos impede de distinguir entre a verdadeira Safo e o verdadeiro Alceu — como papiros e manuscritos no-los conservaram — e o *poeta restitutus* dos filólogos modernos» (p. 3). Louvável decisão que o editor se não dedignou de repisar (pp. 50, 55, 64, 84, 93). «Os descobrimentos de papiros aí estão a demonstrar à saciedade, e últimamente, por sinal, de forma clamorosa, que mais vale andar acautelado do que ceder à fácil tentação de preencher vazios com meia dúzia de palavras jeitosas que fazem dizer ao poeta o que nós queremos e não o que ele, no seu tempo, quis dizer aos ouvintes.» (p. 3.) De pleno acordo: mas talvez que Pieraccioni não devesse aproveitar, para alunos liceais, carmes tão lacunosos como os fragmentos 3a D. de Safo, 130 e 283 L.-P. de Alceu, por muito que outros o tenham precedido na utilização (Gallavotti, por exemplo, transcreve na sua *Lira ellenica*, pp. 155-158, o fragmento 130 L.-P. de Alceu). Pode objectar-se que em todas essas poesias — e noutras, por igual lacunosas, mas... «canónicas», como os números 25 e 27a D. de Safo, 94 D. de Alceu — há inegável beleza. Perfeitamente: seria mesmo difícil não a encontrar, no caso sujeito, em um fragmento qualquer de Safo. Mas o organizador de uma antologia — de uma breve antologia escolar, como sucede com a presente — por força que tem de se resignar a dolorosos sacrifícios. Perrotta e Gentili (*Polinnia*, p. vii) limitaram a representação de Baquilides e de Píndaro no seu florilégio à transcrição de um ditirambo para o primeiro (o *Teseu*, pp. 305-317) e de um. epinício para o segundo (a *Olímpica XIV*, pp. 318-330). Pontani omitiu contra vontade (*Pleiadi*, p. 7) o belo parténio de Alemán (1 D.) e qualquer trecho dos grandes líricos do século v antes de Cristo. Pieraccioni incluiria — em homenagem à beleza e à iniciação dos alunos — um ou dois carmes fortemente lacunosos: sete ou oito, é talvez demasiado.

a preponderância do elemento épico em toda a língua do fragmento que se fica perplexo, e a prudência aconselha a não modificar quase nada.» Idêntico sentir em Pontani, *Pleiadi*, pp. 59 e 62. E era também, com dúvida, a opinião de Buck (*The Greek Dialects*, Chicago, 1955, p. 345, ed. refund, da *Introduction to the Study of the Greek Dialects*, Boston, 1928).

«Como se trata de uma edição para as escolas — acrescenta o organizador mais adiante (p. 6)—, e não de uma edição *philologorum in usum*, eliminámos parênteses e sinais críticos quando uma conjectura era evidente e certíssima, conservando-os, porém, sempre que a evidência e a certeza se tornavam menos flagrantes. Assim, escrevemos *ἐπί γᾶν μελαιναν* e não *ἐν[ι] γᾶν μελαί[ν]αν* (...); mas, ao invés, *π[άμπαν] ἐμνάσθη, τον \πανάρ\ιστον*, etc.» Bom critério de simplificação em obra didáctica, que todavia não foi seguido com a regularidade que se esperava. Assim:

- p. 49: ἴκεσθα[ί]
 λῦσα[ι]
- 51: ὀ[ι] μεν ἰππήων
 πά]γγυ
- 62: πεπ[όνθ]αμεν
- 77: κά[τε]σσαν
 ὄνν μασσ[α]ν
- 80: προλέξαις
- 91: ζ[εν]ναπάτα

Ao prefácio segue-se uma nota bibliográfica muito sucinta, destinada apenas, segundo a intenção expressa do autor, aos «rapazes inteligentes que tenham vontade de trabalhar por si mesmos»: com raras exceções, unicamente se indicam, nesse complemento de estudo, originais ou traduções em língua italiana. Parcialismo que não fica mal por ser a Itália, como dissemos, país fecundo em estudos sobre o lirismo grego. Por lapso estranho, não se menciona *Polinnia*, a qual — mais do que a própria *Storia della letter atura greca* de Perrotta, ali registada — serviu de base ao comentário estético e linguístico desta *Antologia*, hem a *Lira ellenica* de Gallavotti nem as *Pleiadi* de Pontani, que também foram largamente aproveitadas; omite-se qualquer indicação bibliográfica sobre Álcman, apesar de incluído na colectânea (já o nome fora passado em claro no prefácio), quando era fácil remeter os interessados para a excelente edição de Antonio Garzya (*frammenti*, Nápoles, 1954) ou para o sugestivo capítulo de Pontani na *Letter atura greca*, 1, pp. 106-112; e esquecem-se, no parágrafo

respeitante a Safo, os ensaios críticos recentes de Massa Positano (*Saffo*, Nápoles, 1945) e Delia Corte (*Saffo: storia e leggenda*, Turim, 1950).

A ordenação dos fragmentos é a cronológica, hoje preponderante nas melhores edições (Perrotta-Gentili, Gallavotti, Pontani). Pieraccioni esboçou, no entanto, o compromisso com a divisão tradicional em géneros (ou em dialectos literários?): depois de apresentar Arquíloco, Álcman e Mimnermo, estabelece (e andou mal em fazê-lo, no caso das duas primeiras) três secções à parte, intituladas *Os Poetas Eólicos*, *Os Poetas Corais*, *Os Poetas Helenísticos*. Se «poetas eólicos» vale, para o editor, «cultores da poesia monódica» (designação que, como «poesia coral», tende justamente a ser abandonada), está bem que Anacreonte apareça integrado no grupo: ainda assim, permita-se-nos estranhar a bizzaria do chamadoiro... Mas provavelmente o lírico de Teos há-de considerar-se isolado, como Arquíloco, Álcman ou Mimnermo; a divisão «poetas eólicos» terá sido apenas um suporte cómodo para a nota linguística que os precede... Seja como for, se existe uma secção de «poetas corais», Álcman não deveria exilar-se no princípio da colectânea. Melhor, por conseguinte, ter renunciado, neste caso, à conciliação de critérios.

A *Antologia* de Pieraccioni compreende 12 fragmentos de Arquíloco (16, contando por Diehl), mais um dos famosos epodos de Estraburgo (indevidamente numerado 13, já que Pieraccioni, inclinando-se embora para a atribuição a Hipónax, hesita em tomar «nítida posição»: pp. 23-25); 2 fragmentos de Álcman; 4 de Mimnermo; 26 de Safo (30, por Diehl; reunidos em 21 números); 14 de Alceu; 7 de Anacreonte; 3 de Simónides (4, por Diehl); 2 epinícios e 1 ditirambo de Baquilides; 3 epinícios e 1 fragmento de ditirambo de Píndaro; 10 composições de Calimaco; 2 idílios de Teócrito; 11 epigramas da Antologia Palatina (Asclepiades, Leónidas de Taranto, Ânita de Tégea, Meléagro de Gàdaros). Notar-se-á o exagero para Safo: a poetisa lésbica—*θαυμαστόν τι χρέμα*, quem ousaria negá-lo... senão (estranho paradoxo!) o seu editor Denys Page¹⁵? —tem o dobro dos fragmentos de Arquíloco, o dobro dos fragmentos de Alceu; e os dois poetas eólicos preenchem exactamente, à sua conta, um terço da antologia que examinamos.

¹⁵ Cf. Pieraccioni. *Recenti edizioni di Saffo e di Alceo* in «Maia», vm, 1956, p. 58,

Também Perrotta e Gentili assim procedem ¹⁴; e Gallavotti transcreve nada menos de 80 fragmentos de Arquíloco na sua *Lira ellenica*: está Pieraccioni em excelente companhia. Nós teríamos preferido, contudo, a sobriedade de Pontani nas *Pleiadi* (14 fragmentos para Arquíloco, 19 para Safo, 12 para Alceu), que reflecte, a nosso ver, no acerto da proporção, o mérito objectivo dos três grandes poetas.

A disposição gráfica das transcrições reproduz, à parte a diferente colocação das referências a Diehl (no caso dos poetas lébicos, a Diehl e a Lobel-Page) ¹⁵, a adoptada em *Polinnia*: título; introdução, de carácter estético-literário, raramente crítico (sem indicação, geralmente, das fontes do texto); notícia concisa do metro ou metros empregados, e seu esquema, quando figurem pela primeira vez; texto; anotações em rodapé. Boa prática, a aproximação — devidamente interrompida de alíneas — de fragmentos respeitantes à mesma personagem (por exemplo, a Licamba: Arquíloco, n.º 9 a e b = 88 e 95 D.) ou a tema idêntico (epitálamios de Safo, n.º 16 A, B, C, D, E, F = 120, 116, 127 e 128, 123, 135 e 136, 152 D.), e a tradução ilustrativa, feita no preâmbulo do texto ou na base das páginas, de outros fragmentos ou passos não transcritos (assim pp. 8-9, 11, 15, 19, 26, 73, 98-99). As introduções, muito sucintas, podem dizer-se — tirante algumas deficiências de informação a que depois aludiremos — satisfatórias: mas também aqui é grande a dívida em relação ao comentário de *Polinnia*, cuja doutrina se resume ou parafraseia em quase todas as páginas. Assimilação que não impede esta ou aquela discrepância, como a diversa interpretação (aderente a Gallavotti, *Lira ellenica*, pp. 83-85) da ode sáfica *Φαίνεται μοι...*

A nova antologia pôde já beneficiar da recente e notável edição de Alceu e de Safo por Lobel-Page (*Poetarum Lesbiorum fragmenta*, Oxónia, 1955) ¹⁶ — e neste predicado, nada despreciando, reside o melhor do seu progresso em relação a todos os outros florilégios exis-

¹⁴ Safo e Alceu ocupam 165 das 382 pp. de *Polinnia* (incluído o apêndice de «breves noções sobre a língua dos poetas lébicos»).

¹⁵ Paralelamente seriam de esperar (cf. a nota seguinte) referências a Snell, no caso de Baquilides e de Píndaro; a Pfeiffer, no de Calimaco; a Gow, no de Teócrito. Como também à edição de Garzya, no tocante a Alcman.

¹⁶ Pieraccioni utilizou igualmente as últimas edições de Baquilides (*Bacchylidis carmina* ed. Snell, Lipsia, 1949), de Píndaro (*Pindari carmina* ed. Snell, Lipsia, 1953), de Calimaco (*Callimachi i Hymni et Epigrammata; 11 Fragmenta* ed. Pfeiffer, Oxónia, 1949-1953) e de Teócrito (*Bucolici Graeci* ed. Gow, Oxónia, 1952),

tentes no mercado italiano. Verdade seja que na obra dos poetas lésbicos perduram irreduzíveis os mais exasperantes dos *Joci desperati*: assim os vv. 9, 16 e 17 do fragmento 2 D. de Safo (pp. 54-55); assim o v. 4 do fragmento 94 D. de Alceu (p. 93) — para citar dois exemplos famosos. Mas não é pequena aquisição a certeza definitiva (ou quase...) da nossa impotência perante a obscuridade de um texto esfarrapado ou miseravelmente corrompido. Tem razão o professor italiano (p. 84, por exemplo): mais vale um poeta mutilado que um *poeta restitutus* por este ou por aquele, sabe Deus com quanta probabilidade de falsear na letra ou no espírito a mensagem global que o tempo recusou. Escarmentado com o exemplo de grandes nomes que falharam na tentativa (alhures¹⁷, calando os vivos, recorda Wilamowitz, Vitelli, Norsa e Pasquali) — Dino Pieraccioni usou, na esteira de Lobel-Page, da mais inabalável prudência, a tal ponto que é raro o carne de Safo ou de Alceu que não apresenta mácronos, braquias ou reticências onde outros arriscam frágeis suplementos. Em nome do rigor — honra lhe seja —, ele soube inclusivamente resistir (caso único entre os editores que, conhecemos) à tentação de interpretar, em conjectura provisória, as duas sílabas enigmáticas do v. 19 (numerado 20, por lapso) da ode primeira de Safo (ἀ\p " — ες σάν¹⁸ ψιλότατα; τις σ\ ώ) (p. 45) e que, «decifradas», ofereceria ao leitor uma poesia (uma sequer!) de ilusória integridade!¹⁹

À actualização modelar do texto esperar-se-ia correspondesse

¹⁷ *Recenti e diz ion i cit.*, p. 59.

¹⁸ A rigor, as sílabas enigmáticas são quatro, visto que *αψ* é já restituição, embora muito provável: no papiro de Oxirincos faltam as duas letras iniciais do verso, mas da segunda ainda se vislumbra um traço vertical (*γ* ou *ψ*). Segue-se o misterioso *σαγηνεσσαν* que tem queimado o sangue a muito filólogo. Parte-se geralmente *αψ ες σάν...*, considerando — como sugere Pisani in *Paideia*, x, 1955, p. 244 — o *a* inicial pertencente ainda ao hipotético *άψ*, em grafia arcaica *αφς*. Mas a leitura *ύγην* não é inteiramente satisfatória, dado que o papiro tem sobre o *a* um sinal da breve, «que faria pensar em uma palavra mais rara e, de qualquer sorte, diversa do infinitivo *αψ*». Discussão do problema em *Recenti edizioni cit.*, pp. 60-62, de onde tomámos estes particulares. Notar, a propósito, a contradição entre o que se diz no artigo — p. 60: «[...] um papiro de Oxirincos eliminou para sempre o /ιαζ-σαγησσαν ou καισαγ7]νεσσαν ou ainda βαισαγηνεσσαν dos códices [...]» — e o que se afirma na antologia — p. 45: «Os códices, e bem assim um recente fragmento de papiro, têm todos [subi. nosso] σαγηνεβσαν [...]»

¹⁹ Mesmo escrúpulo no último verso do fragmento 4 D. de Safo: *γαν* γ' w — σ *que* todos, na sequência de Neue (cf. Θ 1), integram *γαν <m παϊσαν^>*.

uma actualização minuciosa do autor sobre as mais recentes interpretações de alguns dos fragmentos transcritos ou citados. A nossa expectativa, porém, sai uma ou outra vez desiludida. Assim no caso de Arquíloco. Exemplifiquemos.

Para o fragmento 2 D., assaz famoso na obra do grande lírico de Paros, dá o comentador a seguinte versão (pp. 8-9): «nella lancia è per me la focaccia impastata, nella lancia il vino di Ismaro e appoggiato alia lancia io bevo.» Ora Bowra demonstrou, por forma convincente (*A Couplet of Archilochus* in «Anales de Filología Clásica», vi, Buenos Aires, 1953-1954, pp. 37-43), que, sob pena de fazer de *ἐν δορί* «a serious anticlimax», a expressão não pode depender de *κεκλιμένος* (demais esperar-se-ia, neste caso, apenas *δορί*: cf. Γ 135: *ἀσπίσι κεκλιμένοι*; Λ 371 *στήληι κεκλιμένος*; etc.) e deve ter o mesmo significado nas três vezes que é repetida. Nenhum inconveniente, no entanto, em traduzir *ἐν δορί* por ‘na lança’, desde que se entenda ‘graças à lança’, isto é, ‘à carreira das armas’, no caso de Arquíloco ‘à situação de mercenário’ (cf., para este valor de *ἐν*, Ν 594 e Σ 521; *κεκλιμένος* aparece tomado em valor absoluto). A tradução, por conseguinte, será deste jeito: «Na lança, o meu pão <bem> amassado; na lança, o vinho ismárico; na lança é que eu bebo, recostado.»

A pp. 12-13 é transcrita a elegia a Péricles (fragmento 7 D.) e, na sua imediata sequência, o fragmento 10, pela ordem adoptada na *Anthologia lyrica Graeca*, isto é, [a] *εἶ κείνον ... ἀμφορονήθη* [b] *οὐτε τι... ἐφάρπων*. Ao contrário do que pensam Gallavotti (*Lira ellenica*, p. 24) e Perrotta (*Polinnia*, p. 9), Pieraccioni entende que o segundo fragmento, embora inspirado no mesmo sucesso — o naufrágio do cunhado de Arquíloco — «deveria pertencer a outra elegia, composta quando o correr do tempo mudara de alguma forma o seu estado de ânimo». O professor italiano desconhece, visto isso, a persuasiva reconstrução de Rodríguez Adrados em *La elegía a Péricles de Arquíloco* (in «Anales de Filología Clásica», vol. cit., pp. 225-238), que, sobre considerar os dois fragmentos parte integrante da mesma elegia, os agrupa de forma diversa: a composição romperia com o fragmento 8 (*Πάντα Τύχη καὶ Μοίρα, Περικλέες, ἀνδρὶ δίδωσιν*); seguir-se-ia, após alguns versos (perdidos), o número 12 (preces vãs dos mareantes angustiados a Leucótoe), logo acompanhado da descrição, igualmente perdida, do naufrágio em que o mar devorou os próprios cadáveres, privando-os das honras fúnebres a que tinham direito e a que se refere o

fragmento imediato (10, mas apenas na sua primeira parte, [c7]); viria depois o número 11 (submissão à vontade de Posídon); e, enfim, a parte mais extensa que chegou até nós (fragmento 7), rematada, quase sem interrupção, pelo fragmento 10 [b]. O conhecimento deste interessante artigo teria, além disso, evitado a Pieraccioni alguns deslizes de interpretação, como o de 10 [a]:

*81 κείνον κεφαλήν και χαρίεντα μέλεα
"Ηφαιστος καθαροῖσιν εν εἵμασιν ἀμφορονήθη.*

Em primeiro lugar, "*Ηφαιστος* significa realmente 'o fogo': já Plutarco o observou, ao citar o fragmento (*De aud. poet.*, 6 e 12); mas deve traduzir-se, mantendo o efeito estilístico, por 'Hefesto', como recomenda Perrotta e verte Adrados. Além disso, *καθαροῖσιν εν εἵμασι* liga-se a "*Ηφαιστος*, não a *κείνον*, embora assim o entendam Gallavotti (*Lira ellenica*, p. 24), Perrotta (*Polinnia*, p. 11) e Pieraccioni (p. 13). Em tradução literal, teremos: «se daquele a cabeça e os membros graciosos Hefesto os houvera envolvido em suas vestes puras.» Manifesto ganho da expressão poética²⁰.

Mais estranhável, no entanto — por ser italiano e ilustre o autor da conjectura ²¹, italiana e importante a revista em que se publicou —, é o esquecimento da proposta de Gallavotti (*Il tiranno di Archiloco* in «La parola del passato», iv, Nápoles, 1949, pp. 70-71) para a última palavra do fragmento 70: ler *ἀκονέ[τω]* (em vez do *ἀκονέ[ται]* generalizado, mas pouco satisfatório, de Porson) e entender: 'tenha a reputação de', 'seja chamado'. Tanto basta para converter o fragmento, considerado o inofensivo retrato de uma espécie de *factotum* ²², em uma caricatura política de «feroz sarcasmo»: «E agora Leófilo governa, e

²⁰ Ainda na mesma elegia (fragmento 7, 2), *μεμóμένος* não significa 'lamentando', como sugere Lavagnini (*Aglaiá* ^s, p. 100) e aceitam Gallavotti (*ob. cit.*, pp. 21-22), Perrotta (*ob. cit.*, p. 9) e Pieraccioni (p. 12): o verbo mantém o seu sentido habitual de 'censurar': «Nem a cidade nem cidadão algum reprovará, ó Péricles, a nossa dor, cheia de lamentos.» — traduz com razão Adrados (art. cit., p. 227).

²¹ Para mais, a proposta foi reproduzida em *Lira ellenica*, p. 45, antologia que Pieraccioni, como dissemos, consultou muitas vezes.

²² Era a opinião de Romagnoli (*Ipoeti lirici*, I, Bolonha, 1950, p. 81 ; e *II libro della poesia greca*², Milão, 1950, p. 106), adoptada por Gennaro Perrotta (*Storia della letteratura greca* ^B, i, p. 41 ; e *Polinnia*, p. 25),

Leófilo domina, e de Leófilo tudo depende, e Leófilo... Leófilo o apodem...»²³ Isto é: *Amigo do Povo* — quem se comportava, afinal, como um autêntico ditador!

Em uma antologia do lirismo helénico, destinada às escolas, a explicação linguística tem considerável importância. A língua dos poetas líbicos, em especial, cria avultado número de problemas que os editores procuram solucionar quer multiplicando as notas em rodapé, quer traçando um quadro esquemático das características principais. O último, sem dúvida, é melhor critério—já adoptado, entre outros, por Lavagnini (*Aglaiá*, pp. 148-149, extensa nota) e por Perrotta-Gentili (longo apêndice de *Poliímia*, pp. 331-376)—, que, sem dispensar o recurso às anotações, as valoriza e ilumina, sistematizando-as. Foi também o caminho seguido por Dino Pieraccioni (pp. 39-41), embora a colocação do sumário à frente das transcrições de Safo e de Alceu explique, de certo modo, como a seu tempo dissemos, as divisões pouco felizes *Poetas eólicos* e *Poetas corais*: e torne mais sensível a ausência de panorâmica idêntica para os poetas do dórico literário. A língua dos iambo-elegíacos tem certa unidade e não oferece embaraços de maior para um aluno familiarizado com o ático e com o dialecto homé-

²³ Pieraccioni traduzira (p. 18, n.): «Leófilo ora comanda, Leófilo spadro-neggia, da Leófilo tutto dipende, a Leófilo si obbedisce.»

Tão-pouco nos agrada a interpretação do fragmento 42, 5-6 de Alceu: «senza aver mai ricevuto [sc. da noi] alcun beneficio e senza conoscerci.» Quer isto dizer, salvo erro, que Pieraccioni retoma a hipótese de Mazzarino (in «*Athenaeum*», 1943, p. 73 e segs., cit. por Perrotta, *Polínnia*, p. 196), referindo *πάθοντες* e *γινώσκοντες* ao sujeito de *έδοσαν*, isto é, *Λυδοί*. Não nos parece, todavia, que fossem arredadas as objecções de Perrotta e continuamos, com o sábio helenista, a ligar os dois participios a *δυναίμεθα*: «< nós > que nada experimentámos ou conhecemos de bom»; por outros termos: a quem jamais a fortuna bafejou.

Também há deficiência de informação no que respeita ao fragmento 5-6 D. de Safo: «A ode tinha, pelo menos, outra estrofe, de que se conservou em parte o último verso, sem qualquer probabilidade certa de interpretação, a menos que se não trate de palavras pertencentes a outro carne.» (p. 46 n.) Deve tratar-se do mesmo carne, e na parte final do último verso que precede *δενρν μ εκ Κρήτας* é lícito entrever — segundo uma conjectura sugestiva de Fernández-Galiano (*Algo más todavía sobre el óstrakon sáfico* in «*Anales de Filología Clásica*», v, Buenos Aires, 1950-1952, pp. 81-90; cf. *Nuevamente sobre el óstrakon sáfico: una aclaración* in «*Emerita*», xxiv, Madrid, 1956, pp. 66-71) — a forma ⁵*Εράν<ν>οθεν κατίονσα*, formada como **Ιδηθεν κατίονσα* (A 475). «Eranos é, sem dúvida, relicto do substrato eólico de Creta, o que torna mais verosímil a alusão da poetisa.» (*Algo más cit.*, p. 90; reprod. em *Nuevamente*, p. 69.)

rico: tolera-se bem, por isso, a omissão de qualquer resumo prévio das suas particularidades — mormente em uma antologia, como a de Pieraccioni, que exemplifica apenas Arquíloco e Minnermo ²⁴. Diverso, porém, é o caso dos poetas impropriamente chamados «corais», cuja linguagem, sobre ser altamente composita e artificial, varia de Álcman para Simónides, e deste para Baquilides e Píndaro: com uma agravante — a de que a nova antologia regista ainda dois idílios de Teócrito, exemplificativos, afinal, de outra modalidade do dórico literário. Ora não seria inútil nem difícil construir também, para os «corais» e para Teócrito, uma tabela de peculiaridades, tanto mais que o trabalho se encontra já feito, com carácter esquemático, em Buck, *The Greek Dialects*, Chicago, 1955, pp. 344-347, e em Pisani, *Manuale storico della lingua greca*, Florença, 1947, pp. 167-169 e 193.

A explicação histórica das formas — mais desenvolvida ou menos desenvolvida, consoante os interesses do autor ou as exigências do aluno, e a presença ou ausência da tábua de conjunto — não deveria reduzir-se à apresentação de simples equivalências do tipo $a \mu \mu\epsilon\zeta = \eta\mu\epsilon\acute{\iota}\varsigma, \acute{o}\nu\acute{\iota}\alpha\nu = \acute{a}\nu\acute{\iota}\acute{o}\nu$, que favoreçam os hábitos de preguiça mental do consulente. Assim procedem alguns editores (por exemplo, Taccone, Lippardini, Lavagnini, Ugolini-Setti), preocupados com retirar do comentário toda a aridez da erudição. Melhor andaram, a nosso ver, Perrotta e Gentili, ao insistirem — sem prejuízo da valorização estética dos textos, que é de primeira ordem — nas explicações históricas e nas remissões ao apêndice linguístico ²⁵. Pieraccioni retraiu-se, e enfileira — contra o que seria de esperar do autor de uma recente *Morfologia storica della lingua greca* ²⁶ — no grupo dos «lacónicos». Amor da brevidade, entejo do prosaísmo, receio de sobrecarregar um volume que se entevia maneirinho, caroável, dilecto, como o *libel-*

²⁴ Ou Arquíloco, Minnermo e... Hipónax, se, como pensamos, lhe pertence o famigerado epodo de Estrasburgo, transcrito a pp. 23-25.

²⁵ Satisfatório também o comentário linguístico de Pontani. Muito sucinto, pelo contrário, o de Gallavotti, que remete, porém, no caso de Safo e de Alceu, para o manual (*La lingua dei poeti eolici*, Bari, 1948) que publicou na colecção *Μουσικαὶ Διάλεκτοι*.

²⁶ Críticas: Medeiros, in «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», XXI, 1955, pp. 219-226; e St. Marin, in «Atene e Roma» (n. s.), 1, Florença, 1956, pp. 102-105.

lus catuliano? A toada de algumas notas sobreviventes não agoirava firmeza doutrinária²⁷.

Há-de parecer excessivo — em relação a uma obra escolar, de pretensões modestas — o estudo prolongado que lhe dedicámos. O nosso propósito, contudo, foi, como dissemos, proceder a uma discussão de critérios e ao exame concreto das soluções adoptadas. A colectânea de Pieraccioni veio a lume em um país onde muitas são

²⁷ Ainda no resumo dos caracteres da Hnguagem dos poetas eólicos:

«Em posição interior, o digama assimilou-se muitas vezes à consoante subsequente: ζέννος (de *ξεν/ος, ático ξεινος [sic, por ξένος]), etc.» (p. 40.) Não há assimilação, mas relaxamento articulatorio do digama, que, «fortemente debilitado pfcla sua combinação com a consoante», se converte em aspiração progressivamente ensurdecida e desaparece sem deixar vestígios (Grammont, *Phonétique du grec ancien*, Lião, 1948, p. 131). Demais o exemplo é pouco feliz. «Formas do tipo ζέννος só aparecem nos gramáticos do Império e devem ser considerados hipereolismos.» (Lejeune, *Traité de phonétique grecque*², Paris, 1955, p. 137, η. 1; mesma doutrina em Buck, *The Greek Dialects* cit., pp. 49-50.)

«Muitas vezes o [eól.] = a [restantes dialectos], especialmente depois da consoante ρ; por exemplo βρόχως, στρότσον, μόλθακος, άόθαρος [...].» (p. 40.) Fórmula defeituosa: nem só «depois», mas também «antes» (por exemplo em δρπετον, εμμορμένον), pelo que seria preferível dizer «em presença de», «na vizinhança de». E, visto que alguns exemplos ocorrem nos fragmentos transcritos, não ficaria mal acrescentar que o fenómeno se verifica, por vezes, em presença de λ, μ e ν.

Fora do quadro esquemático, a p. 81, lê-se no texto de Alceu (46a D., 9) a estranha forma *αγκονναι*, acerca de qual o editor diz apenas, em nota: «*αγκονναι*, isto é, *αγκοιναι*, parece a leitura justa, e não *αγκοραι*, como está nos códices.» Mas *αγκονναι* não existe, nem sequer como pseudolismo. Quando a vogal que precede o grupo -νγ- originário é de timbre *o* (ou *a*), não se verifica, em qualquer dialecto grego, assimilação da semivogal à nasal ou alongamento compensatório da vogal precedente: *αγκοινα* é forma pan-helénica. O tratamento -νγ->-νν- (lésbico e tessálico) ou -νγ-> [alongamento compensatório] -ν (restantes dialectos) reserva-se aos casos em que a vogal precedente é de timbre *e*, *i* ou *u* (Lejeune, *Traité* cit., p. 134; Buck, *The Greek Dialects* cit., p. 65). Mastrelli aproveitara (*La lingua di Alceo*, Florença, 1954, p. 3) a lição original *αγκοραι*, trajando-a, porém, de rigor: *αγκορραι*. Resultará *αγκονναι* de analogia indevida com este modelo ?

as antologias do lirismo helénico. Podia e devia beneficiar da experiência adquirida. Era instrutivo, por isso, averiguar em que medida o fizera. Tal foi o nosso trabalho — e a nossa glosa à inscrição confuciana do pórtico do livro: «Quem, percorrendo o velho, aprende o novo, esse tem direito a considerar-se um mestre.» \

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

BOLSEIRO DO I.A.C.